

JORNAL
DO
CONSERVATORIO

N.º 22) *Publica-se todos os Domingos.* (Maio 3, 1840.

JORNAL DO CONSERVATORIO.

PARECER.

Drama intitulado — a Actriz tem por argumento uma por nome Carolina, dotada de encantos encarecidos por virtuoso proceder. Em seu applauso, recebe, n'um palacio de Cintra, um baile de elevadas pessoas da corte, onde D. Alvaro de Portugal seu enamorado remette a um jogo de xadrez as duvidas que lhe fazem pela honestidade de Carolina. Palmeirim, comico, d'ella tambem enamorado, no excesso do ciume, vendo-se preferido, toma-se com D. Alvaro, que o espanca, fere, e pela sua condigão lhe nega a desafronta de um duello, pisando-lhe aos pés a medalha que Palmeirim havia ganhado pelejando, e deffendendo as linhas de Lisboa, rasgando-lhe tambem na cara a carta de privilegio para trazer armas prohibidas; e ameaçando-o de o fazer carregar de ferros, por fim o entrega por aquelle crime prezo aos soldados da guarda, que, para accomodar a desordem, um dos fidalgos havia chamado da janella. No dia seguinte, em Lisboa, D. Alvaro, adiantando suas praticas amorosas, subjeita-se a ligar-se por casamento a Carolina, e em mais fina prova da sua paixão, subjeita-se a ir fazer com ella vida errante de comico fugindo ao pae, e com ella immediatamente parte para o Rio de Janeiro: Palmeirim que por dinheiro tem sahido da cadêa não chega a tempo de o embarracar com sua vingança. No terceiro acto, no Rio de Janeiro, temos D. Alvaro de Portugal desgostoso já do seu estado no momento de entrar na representação da tragedia de D. Ignez de Castro, em que a falta inopinada de um dos actores va ser supprida por um comico desconhecido tambem de subito apparecido, e é Palmeirim. D. Alvaro n'esse

mesmo momento recebe tambem uma carta de Portugal com a noticia da morte do pae, e de lhe haver este comprado o Marquezado de Ferrára na Italia, e de lhe ter deixado o palacio que possuia em Allemanha, recomendando-lhe fosse para alli, e não voltasse para Portugal, pelo dezar que havia cauzado a sua familia. Elle tambem havia comprado hum brazão de nobreza para Carolina. Esta compelle D. Alvaro a partir n'essa mesma madrugada do Rio de Janeiro para a Europa, n'hum barco inglez para lhe impedir o duello com Palmeirim. No quarto acto D. Alvaro, com o titulo de Duque de Plainden, em Vienna d'Austria, dá um brilhante baile mascarado ao imperador de Allemanha, por motivo de ser recebido no gremio da nobreza alleman, e quando o imperador, no fim do festim, o agracia com a ordem do Tozão de Ouro, exigindo-lhe n'esse acto juramento da nobreza de sua familia, e de nunca se ter ligado com pessoa infame, D. Alvaro é convencido de falsario pelo testemunho de Palmeirim, confirmado pela prova que os fidalgos allemães convidados ao baile, havião descoberto na carteira de Carolina por elle aberta, pelo que abi mesmo D. Alvaro he logo desauthorado; e procurando na fuga com Carolina sua mulher, salvar-se do castigo e vergonha que o ameaça, para isso, opportunamente o soccorre um ermitão que de subito apparece, e lhe indica o asylo da sua caverna nos Alpes, para onde logo se metteu a caminho.

A' sua chegada á caverna no quarto acto, abi se achão prevenidos por Palmeirim, que tendo-se apoderado da pessoa de Carolina, surprehende D. Alvaro desarmado, porque para dar logar ao dinheiro deixou as armas. Depois de grandes, e extensas recriminações, Palmeirim o obriga a que em joelhos lhe implore a graça de hum duello, com o que, dando-se por desafrontado e satisfeito, os deixa em paz, obrigando D. Alvaro a que jure primeiro que faria a felicidade de Carolina.

D'esta idéa do argumento se deprehende que o drama intitulado a — Actriz — se subtrahê á ordem classica, e que poderia ser admittido á romantica, quando se adopte a amplitude que lhe dá Schlegel. Porem, seja como fór é do genero de outros que por ahi apparecem, conforme ao gosto pinturesco do tempo, e que porisso nos offerece a sua representação dividida em quadros, todavia entre si dependentes até ao que serve de termo final.

Não distingue este drama os seus quadros, mas nem por isso fica desobrigado das leis da verdade dos factos, sua verisimelhança, propriedade, conveniencia, e ajustamento com os dictames da razão, leis invariáveis, e imperiosas para todas as obras de gosto, e que as peças dramaticas de semelhante genero não podem infringir sem comprometter sua propria essencia. A relação em que o drama de que se tracta esteja com taes leis, a exposição do seu mesmo argumento o está indicando, independente de toda a particular comparação e analyse, o que alem d'isso demandaria um prolixo, e escusado commentario. A Commissão porém ainda juntará a este respeito brevissimas reflexões para evitar a taxa de ommissa.

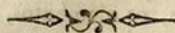
O primeiro acto: Um baile dado por fidalgos portuguezes n'um palacio em Cintra, em applauso de uma actriz, em que a sua reputação logo ahi se entrega á sorte do jôgo, em que o companheiro dessa actriz é vilipendiado pela sua condicção de commico, espancado, ferido; em que a medallha de honra, ganhada por elle, pelejando e defendendo as linhas de Lisboa he pisado aos pés por um fidalgo official militar, e em que como n'essas casas do Bairro Alto, se chama pela guarda para acudir á desordem; findando com a prepotencia de ser conduzido á cadêa só o ferido, ficando impune seu aggressor; isto, não no passado tempo, sim no actual, é parodia tão repugnante que mal pôde sustentar-se, e menos decentemente permittir-se; sendo todos os quadros d'este acto desproporcionados, inexactos, e contra o que a razão e a propriedade dos objectos insinua e persuade.

De sobejo seria o exemplo d'este acto para a decisão de qualquer juizo, mas a Commissão, ainda o sustentará com alguns reparos sobre os actos subsequentes.

No segundo, por exemplo, a virtuosa Carolina entrega-se a D. Alvaro e parte com elle com a simples promessa de casamento, porque nem este então se verifica, nem o tempo permite que assim succeda; é verdade que no terceiro acto se indica ter se effectuado, mas no entanto prevalece a opinião.

sinistra: n'este acto vemos que Palmeirim abriu a cadêa para sahir com uma bolça de dinheiro! — O terceiro acto no Rio de Janeiro labôra na impossibilidade de poder effectuar-se no estreito espaço que se lhe marca: n'este D. Alvaro tem o seu caracter mudado em homem devasso, estragado: sem mutação a acção da sala da direcção do Theatro Nacional do Rio de Janeiro passa para a casa de Carolina: Ahi se declara D. Alvaro é desheredado pelo pae, que lhe nega o pão de filho, sendo por elle proscripto; sem que para isto, se dê nenhum indicio, ou menor suposição, quando elle, sendo orfão de mae, não podia ser espoliado de sua herança, quando a urgentissima brevidade do tempo não permittia os actos para isso necessarios, e menos que fossem conhecidos no Rio de Janeiro, onde ainda não consta a chegada de noticias depois da partida de D. Alvaro. Finalmente ahi declara Palmeirim que estava para casar com Carolina, o que é uma contradicção com o que a propria Carolina tinha affirmado no segundo acto! O quarto acto porem está pedindo especial contemplação, que tanto ao vivo deve agastar ainda os mais medianos no conhecimento do que é a côrte d'Austria; — o exame a este respeito é quasi ocioso: que fidalgos são os Austriacos, que abrem, lêem, o que se contem na carteira da senhora da casa, e que se servem de huma tão reprehensivel acção para transmudarem o festim em triste e cruel desgraça de quem os obsequêa? Que imperador de Allemauha, ainda que este titulo acabasse ha mais de trinta e cinco annos, tão facil em premiar como em punir? Que acatamento de cortezão que diz ao mperador á sahida que vai chamar sua mulher para se despedir d'ella? Fique isto, e tudo o mais que ahi se acha de parte com as milagrosas difficuldades do quinto acto; avaliem-se como bôas algumas scenas em que o dialogo é bello, e alguns monologos são excellentes, e equilibre-se com isto a frieza de outros, e a exageração desmedida de alguns; não se cure da impropriedade da linguagem em parte de suas personagens, e não se attenda á falta de pureza em geral, porque o estado de borrão em que o drama se apresenta faz presumir que na sua copia a isso se attenderia. A Commissão pois, em conclusão do expendido, que muito ao justo será devidamente avaliado pelos sabios e illustres membros do Conservatorio Dramatico, é de parecer unanime que o drama intitulado — A Actriz — não, está nos termos para o que se propõe, — Lisboa 23 de Outubro de 1839. — Manoel José Maria da Costa e Sá — D. Gastão Faus-

to da Camara Coutinho — Francisco Freire de Carvalho.



DA IMITAÇÃO

A natureza inteira — eis-aí, artistas, o vosso riquíssimo o vosso immenso objecto? *Crear* — é impossível: *destruir* — é defeso: *segui-la, imital-a* — é o que só vos resta — »

Este foi o corollario das considerações aventuradas [em outro n.º deste *Jornal* *] á cerca do assumpto de que de novo, dando-lhe desenvolvimento e applicação, vou occupar-me.

E' pois certo, — será por ventura indubitavel que nos *cumpre imitar a natureza*? — E restaria ainda logar para hesitações, para incertezas? — Demonstrado te foi, incredulo presumptoso, que nenhum typo ha hi possivel para as artes, quando não comprehendido na propria natureza, em que e pela qual unicamente existes. — E que fazes tu, quando envidas alma e coração em revelar-nos primores do empenho ciumento de tuas cogitações, do enlêvo tam invejoso de teus sentimentos, senão somente reproduzir *similhanças*, que dispersas hauriste dessa natureza, que em ti, e em que tu vives? — desse universo, do qual, por mais que muito de sobre se te remonte o pensamento, não te foi concedido desprender-te? — Homem, alem de ti, não váes mais longe.

Imitae a natureza! — Intendeis vós por ventura o que isto significa? Todos me dirão que sim, e a todos quero crer; mas como de mim eu não sei se vou, ou não errado, ahí vos offereço essas considerações, que não tenho certo por mal consideradas: porem, si a vós outra cousa vos parece, mercê grande e mui grata me será que, refutando-as, me illustreis, indicando-me vereda por onde tome a salvo e a seguro.

Imitac. — Não escrevo um discurso, e menos um tractado; lanço para ahí o que me occorre, ponderado sim, mas como occorre, e por isso omitto o apparatus ostentoso de definições, abstracções, distincções, e de certos vocabulos quasi mysteriosos, que, com quanto moderna e antigamente usados, por falta de significação ou obvia ou assaz determinada, mais servem para empecer e diffi-

cultar, do que para serem luz do juizo dos que lêem. Está bem arrear-se de mentirosos, ou se antes quereis — desvelados atavios, quem teme de apparecer não outro de si mesmo.

Imitac. Quem diz — *imitae*, não diz *sê écho*, *sê copia*: diz o contrario disto: diz — *não sejas copia*, — *não sejas écho*. — O teu objecto pode ser, artista, nenhum outro que não seja a natureza! pois bem! contempla o teu objecto, medita-o, deixa tomar-te d'elle, obedece á sua voz, segue a sua inspiração — e então saberás traduzir-nos a sua linguagem, então serás verdadeiramente artista, porque saberás então imitar a natureza.

Erro, e não raro, e não de leve momento, é confundir o mister do *copista* com o do *imitador*. Separêmos, como cumpre, estes misteres: fixemos as raíças das provincias a que cada qual preside; e, para logo, essa theoria tam falada, tam fascinadora, e que se abona em tam eloquentes panegyristas da nossa, e de terra estranha, essa theoria ambiciosa desapparecerá instantaneamente, como de subito á luz do sol se desvanecem os tam lindos phantasmas com que o crepusculo da madrugada nos extasiára os ainda não bem abertos olhos.

Qual o dever do *Copista*? — écho, reflexo, transumpto servil, obrigado, invariavel do que nos poem aos olhos do corpo, — interprete fiel do que nos poem aos olhos da alma, o *Copista* só satisfaz ao que nos deve quando nos transmittiu com todos seus primores, e com todos seus senões, — com o que nos será prazer, e com o que nos hade ser molesto, o quadro, não importa qual, que tomou d'emprestimo, para no-lo appresentar, á natureza.

E' outro o mister do *Imitador*. Livre como o pensamento, e circunscripto apenas ao termo e lei que ao pensamento impoz a natureza, tem o imitador por *obrigação* rigorosa, impreterivel, inevitavel, trilhar senda contraria á do *Copista*, e por *mister* — representar-nos a *verdade*, sem que todavia nos revele como e aonde *achou* as feições tam proprias, tam characteristics, tam suas, que, bom mau grado nosso, forçam-nos a reconhecê-la, e a prestar-lhe testemunho.

São, não ha duvida, cousa muito — que digo? — infinitamente diversas a *imitação* e a *copia*! Mas se assim é, que se torna o ambicioso systema dos utopistas da originalidade? — O que se torna? — o mesmo que se tornam os desenhos brincados de sobre o pó depois que se ergueu um pé de vento. — Desenganac-vos! ou esses theoristas dizem o mesmo que eu vos digo, ou não vos dão senão palavras; mas á fé, que, se reflectirdes, haveis de convencer-vos de que a verdade, que tam

(*] Vede, que assim se ha-de mister, no n.º sem 2 de Fevereiro o artigo que se inserveu em *Di Imitação*.

modesta e singella pela mão aqui vos trago, elles vol-a conduzem nos coches apparatusos da soberba, trajando as pompas e riquezas que lhes a elles sobejam, e a mim falecem: é porem a mesma *verdade*, que se o não fôra, como a verdade é unica, fôra mentira.

Artistas, contemplae o universo! Possuidos da idéa, cuja revelação todos vos toma, considerae nos objectos, tantos e tam diversos que se vos offerecem, o que vos adverte a observação que vos pode ser de vantagem para, materializando-a, tornal-a *melhor*, ou mais *perfeita*. — Longa, profunda, apaixonadissima vos cumpre que seja a vossa observação! Comparae, escolhei, formae de objectos sem numero um só pensamento. Então, completo, acabado o typo ideal do artefacto que soube elaborar a tua alma, tu te poderás dizer *original*, isto é — esclarecido imitador da natureza. Sim, que teu será então um molde, nunca d'antes de ti havido, em que vases, de grado teu, o primor que intentas; o qual, desta arte, ser-te-ha dado a-lardear *modelo-primitivo* de individualidades sem conto, que todavia encerra, e a êmo nos depara a natureza.

Mas eu disse, que a observação dos objectos da natureza, era intentada para tornar *melhor* ou *mais perfeita* a *idéa-modelo*, que para nós proprios nos formamos. Esta condição, artistas, vos é inevitavel, porque é por ella que o *Imitador* se extrema do *Copista*, e se torna, quanto ao homem é dado, *original*. Nada acabareis no vosso mister senão quando, avassallando-nos a alma, nos agrilhoardes o coração, — e a nossa alma não ha em conta o que não a *aperfeiçoa*, nem o nosso coração o que lhe não *melhora* a existencia.

Mas não vos illudae! O objecto mais *horroroso*, e o objecto mais *agradavel*, podem, e carecem por igual de ser *aformoseados*. O pardalzinho de *Catullo*, não he certo obra menos prima, do que as espantosas serpentes de *Virgilio*, — nem o incestuoso e parricida — Oedipo, do que a inocentissima Iphigenia, nem o medonho Adamastor, do que a linda e tão meiga e tão miseranda Igeuz. Em todas as artes — e para que individuar cada uma em separado? — em todas as artes se ha mister que seja a perfeição o caracter distinctivo do *modelo ideal* — norma das penosas fadigas do artista, que se quer ver qual se deseja, por que d'outra sorte ficará elle muito *áquem*, quando lhe cumpria ir muito *álem* — *aformosear* a natureza. Vós preencheis vosso mister; vós satisfazeis ao que vos cumpre, se derdes a cada objecto, no seu genero — e são vossos todos os generos, a perfeição que vos amostra a *idéa-*

modelo, na qual o contemplaes representado

Preexistem, que não valemos nós a dar o que não temos, os elementos, por os quaes ha de ter vida o *sér* a que chamamos *obra nossa*. Mas o que tem ella de *nossa*? a transformação; e só, e não mais do que a transformação pertence ao artista. Passados pelo cadinho da imaginação esses elementos, que por ali, e por acolá, e por toda a parte haurimos da natureza, recebem nova existencia, e constituem um *sér* distincto, que, a tudo parecido no seu genero, sem que com elle nada se assimelhe, per si subsiste, e de si vive: anima-o vitalidade propria. Eis-ahi a *idéa-modelo*, o *exemplar primordial*, de que vos tenho falado, e por o qual o artista é tudo, e sem o qual o artista é nada.

Assim, e não retratando a mais formosa de entre as formosas Agrigentinias, idealizou o pintor d'Heraclea os moldes em que vasou a formosura, — e a Deusa das Deusas ficou-nos typo da belleza.

Conheceis por ventura esse metal tão primoroso, que deveu existir ao incendio que tornou cinzas a formosa Corintho? a variedade dos metaes, que dissolvidos pela violenta acção do fogo então correram de mistura, produziu essa nova e incognita especie, em valor e beleza aventajada a cada uma das que formam esta composição preciosissima. Aqui tendes a *Imitação*, e o seu *processo*: do que existe de bom em a natureza, produz um novo *ser* de mór valia do que cada um dos elementos, sem os quaes não existira.

Eil-a-ahi, artistas, é vossa a natureza, e são em a natureza todos e os sós elementos, que devem entrar sem falta no composto que medita o vosso espirito. Imaginae a obra mais extremada: ali, em a natureza está tudo o porque, e sem o que não ha de vir a ser nunca realidade. *Achar* taes elementos, é o vosso mister. *Achados*, idealisae um typo de perfeição, que vos seja *modelo* e guia na serie e applicação de vossos pensamentos. — Deixae que vos impere essa imagem interna de luz e de verdade, que patentêa e alumia o caminho á vossa alma: sede doceis á sua voz, segui os seus dictames; consenti que vos reja a aprazimento seu, e vós sereis verdadeiramente grandes, e vós sereis verdadeiramente originaes, e vós não deixareis de ser imitadores da natureza! Sim! que, sem que est-jam em nenhuma parte as maravilhas artisticas de que nos fareis dom, la estam todavia em a natureza!

E como, e de que modo, e aonde vos deparará fado propicio regra infallivel, que vos faça conhecer que, por onde devieis ir, heis caminhado? — Ah! não se ha mister

que peregrineis longes terras, nem sequer que vades fóra de vós mesmos. Se não tendes coração, não sois artistas, e, se tendes coração, ahí está a *regra*, ahí a pedra lydia que me pedis, e de que careceis, e que vos mostrará metal puro e sem mescla, ou falseada liga a obra albea, ou propria, cujo valor quereis pôr a prego. — Aos olhos vos está a obra que dizem alguns tam prima, que desdenham alguns como bastarda; contemplae-a; affundi-vos em vós mesmos: e que sentís? — e que experimenta o vosso coração? Consultae-o: a sós comvosco, fala-vos, não o duvideis, toda a verdade; e que vos diz? — hesita? — soffre? — pena — angustia-se? ou tomado de suavissimo estremecimento, goza, como goza o que respira a doce viração que lhe traz a briza do occidente em manhã d'estio? — que vos diz? — folga e applaude, ou padece e desapprova? A resposta do vosso coração, é a sentença irrevogavel. O sentimento, e profundamente sentido, e bem, e claramente disincto do prazer ou desprazer, que a observação desse artefacto em vós excita — ahí tendes o cunho immortal da perfeição, ou da imperfeição com que por vós, ou por quem seja, foi imitada a natureza. Negam-se vossos olhos á contemplação do que lhes dá molestia; mas póde por ventura negar-se vosso coração ao amor do a que nada falece para ser amado?

Entretanto reparae, artistas, que vosso coração ha mister, afim de evitar desvios, de ser encaminhado; mas não com aridos preceitos, nem com subtís e alambicados discursos, porem nutrido-o dos modêlos mais perfeitos, é que podeis leval-o ao termo appetido. O ouvido vesado á musica harmoniosa, antes sente do que julga, quanto, por menos acorde, o offende em vez de deleital-o; e os olhos, que tem por fortuna pascer-se na formosura, por instincto aventam senões até em bellezas perigrinas.

São infinitos os thesouros que vos offerece a natureza: aproveitai-os: sabeis *escolher* entre riqueza tanta as preciosidades que devem formar, subindo-o a prego inestimavel, o composto maravilhoso por o qual esperaes ir á immortalidade; e vossa esperança não será em balde, e realisar-se-ha vosso nobre intento quando a vossa *bem calculada escolha* nos forçar [deixai-me assim dizel-o] a acquiescencia do nosso espirito, e o comprazimento do nosso coração.

Ainda uma palavra, artistas; mas tomae-a na devida conta. Arreceae-vos, e muito, e de sobremaneira dos caprichos orgulhosos da imaginação desregrada! — Sede cautos! Monstros horrosissim em a natureza; e nas artes, demais de serem injuria da razão,

e do bom gosto, toruam-se commumente labeo da obra e do auctor, de sobre quem chamam [sorte mais que todas mofina!] a mofa, a zombaria, e o ridiculo.

Basta; e se não disse quanto devera, disse por ventura quanto julgo assaz para mostrar que, por isso que Deus não me ha negado a faculdade de pensar, *ao menos cinco minutos por dia*, tenho por meras palavras esses discursos ambiciosos com que, — mas sempre em vão — se presumiu pôr em duvida o axioma incontestavel, que ensinou em todas as linguas aos povos todos de todos os tempos que

A arte é a imitação da natureza.

J. M. L.

ESCHYLO.

Mascêra Thespis na Icaria — essa terra que viu Susarião e a impudente satyra de suas comedias: como as deste foram as primeiras obras de Thespis, e um carro lhe passeava tambem os actores; mas por ultimo tractava assumptos mais nobres, e tirados da historia. — Phrynico que ao principio imitára o mestre, o sobrepuja em breve; e a tragedia tóma mais regular aspecto. — Foi elle quem primeiro introduziu os papeis de mulher; e a sua tragedia intitulada — A tomada de Mileto — obtêve tam prodigioso triumpho, que desatou a chorar todo o povo d'Athenas, córoando-a por acclamação; e depois, para castigar opoéta que havia insultado a republica, pintando com mui vivas côres desgraças que ella não podêra obviar, condemnou-o em mil dracmas de multa!

Pratinas, contemporaneo e rival de Phrynico, é totalmente ignorado; e quasi o mesmo acontece a Chérilo, poéta de quem nada se sabe senão que foi muito fecundo: supõe-se ser elle o inventor dos trajos para os actores; e por certo que não deixou de bem-me

recer, vestindo-os decentemente n' um tempo, em que ainda se não sabia fazel-os falar.

Appareceu finalmente o homem que devia tirar a tragedia do estado de abjecção e de ignorancia: Eschylo appareceu, e a posteridade reconhecida lhe dá o titulo de — PAE DA TRAGEDIA. Comquanto grandes sejam os defeitos deste poéta, comquanto se lhe tenham avantajado bastante os successores, a honra de ter sido o primeiro lhe grangeou a de ser considerado como o maior. — Eschilo recebêra da natureza uma alma ardente e forte; serio e grave era o seu character; e a sua vida austêra: o genio impetuoso que o devorava concentrado no intimo peito, lhe espalhava de sobre ares de profunda e silenciosa melancholia; e a época que o viu nascer, admiravelmente se adaptava a esses characteres, que aos acontecimentos dominam: — era o principio da longa e terrivel luta entre a Europa e a Azia, quando o famoso imperio que fundára Cyro, alevantado, transbordando diques, e ameaçando submergir tudo, foi d'encontro á Grecia e se quebrou nesse cachôpo!

Eschylo, filho de Euphorião, nasceu em Eleusis, aldêa da Attica, 225 annos antes da nossa éra. Guerreiro illustre primeiro que grande poéta, nesse tempo em que os Athenienses contavam quasi tantos heróes como guerreiros, soube elle fazer-se notavel por seu valor: acharan-o sempre na frente os inimigos nas batalhas de Marathonia, Salamina, e Platea; porque a devoção e coragem lhe eram virtudes de familia. Esse Cynégro, que privado das mãos pelo ferro dos Persas em Salamina, segurára com os dentes as náus inimigas, era seu irmão; e tinha outro perdido um braço a seu lado, chamava-se Arynias. — Eschylo deu á poesia a energica força e vigor selvagem do guerreiro: no género que abraçára fazia-se-lhe mister crear actores, theatro, poesia; e oscreou elle com o scêlo de força e grandeza, que só pôde dar-lhe o genio.

E todavia essa estrada que franqueára, e onde outros o tinham com tanta ventura seguido, não lhe foi de triumphos somente: descorçoamento, injustiças, baldões soffreu Eschylo; corôou-o, para logo o abandonar o volúvel favor do povo; e quando da alteza de seu genio olhou com desprezo para a ignorancia popular, alevantaram-se contra elle odios terriveis; accusaran-o de impiedade e profanação; e os falsos devotos bradaram que havia revelado nas tragedias os mysterios d'Eleusis: ergueram-se as turbas fanaticas contra o poeta: e pouco faltou que o pae da tragedia não pagasse com a vida o crime da sua superioridade; foi percizo que Arynias, gloriosamente mutilado, detivesse a multidão desvairada mostrando-lhe as feridas, e pedindo-lhe um irmão que, como elle proprio, soubêra outr'ora defender a liberdade da patria, e presentemente lhe affiançava a gloria.

Bastas vezes Eschylo arrostára a morte nos campos, para não desprezar o que apenas lhe ameaçava a vida; mas o pouco successo das suas obras lhe doêra n'alma por extremo. Por muito tempo affectou elle indifferença ás injustiças de seus concidadãos dizendo, que á posteridade consagrava as obras, porque certo lhe faria justiça—desamparou a fingida indifferença quando viu auctores noveis, que seu exemplo formára, aproveitarem-se de suas lições para o atacar e vencer; quando viu Simonides, e Sophocles ainda adolescente tirarem-lhe a corôa. Então abandonou Eschylo a patria ingrata e se partiu para a Sicilia e côrte do rei Hieron: ahi viveu elle trez annos, rodeado da publica veneração, morrendo da idade de setenta. Desgostado de toda a gloria litteraria havia composto um epitaphio, que lhe gravaram no tumulo, e que apeaas de seus combates fallava.

Depois de sua morte reconheceram os Athenienses a grande perda que tinham feito; cummularan-o de

honras, e lhe prodigalisaram estatuas e côroas que lhe haviam na vida refuzado: outhorgaram-lhe o titulo de pãe da tragedia; e mais d'uma vez se viram auctores, que venerando-o como um deus tutelar, lhe iam ao tumulo, declamar seus versos.

Espêlha-se nas suas obras o homem: — nunca, como para Eschylo, foi tam verdadeiro este axioma de critica. Lêde suas obras, que sem lhe conhecer a vida e costumes, por certo que lh'os adivinhareis. Cada scêna que traça, cada character que desenvolve, cada palavra que pronuncia, vos patenteará o cunho d'uma alma energica e sombria, d'uma vida austera, d'um exfôrço indomavel: presente-se em cada verso o guerreiro de Marathonía e Salamina.

Jamais teve Eschylo em vista o internecimento e as lagrimas: o terror e somente o terror profundo e involuntario foi para elle o alvo da tragedia.

Se quizermos fazer distincção e differença entre tempos, costumes, e characteres; se considerarmos quanta modificação trariam apoz novas civilizações e religião nova; e depois disto attentarmos a similhanças extraordinarias, sem custo reconhecerêmos que Eschylo foi para a tragedia grega, o que é essa nova eschola que nestes tempos, mórmente, entre os francezes, tem campeado. — Defeitos, qualidades, physionomia geral, stylo, tudo se conforma. Que é o que se encontra em Eschylo? Para personagens, heróes fabulosos, como os havia idealizado, mas não como na terra existiam; almas sobrehumanas tanto pelo vicio como pela virtude. Offerece-lhe a historia um character odioso; longe de suavizar-lhe as feições, torna-o ainda mais odioso e mais feroz; porque a sua mira é o terror, e não a piedade! Olháe para Clytemnestra: cruênta e ensanguentada do assacínio do espozó eil-a que vem gabar-se, e alardeal-o nascena com dezição amarga!...

No crime e na virtude intrepidos, os heróes d'Eschylo são d'uma tempera indomavel; e contudo representam-se sempre como instrumentos de invencivel fatalidade. Pintando no homem os crimes de que é auctor, as desgraças de que é victima, e, por de sobre, o destino cego de que é alvo miserando, véde com quanto desprezo injuria a fortuna humana; ouvi as declamações eloquentes contra essa falsa prosperidade, que é mentiroso verniz do nosso nada! — E depois quando o homem se lhe refusa á fogósa imaginação, quando as raias da nossa specie e da nossa estreita esphera não podem conter a sua poesia gigantesca, váe elle buscar os heroes no mundo ideal e phantastico; põe em movimento e faz falar o oceano, a força, e a violencia, e compõe essa mysteriosa e sombria trilogia de Prometheo, allegoria profunda e extravagante, obra inexplicavel, ridicula e sublime, que achou écho na eschola moderna: — Cuidarias ver Cain vogando com Lucifer nos abismos do nada e do infinito sobre as poeticas azas de Lord Byron.

A PANTOMIMA

ENTRE OS CHINS.

Quanto sejam ousadas e apparatusas as concepções mimicas dos Chins, e ninguém poderá imaginar, especialmente se souber quelles faltam, ou pelo menos são muito mesquinhos, os meios que têm para as levar a effeito: por exemplo, as maquinas que devem ser portateis, e ter facilidade de adaptar-se aos diversos locaes aonde as companhias successivamente são chamadas a representar, pois que não ha companhia que não seja volante. Não só ha na china pantomimas comicas, mas tambem outras graves e maravilhosas, nas quaes fazem entrar os elementos, os phenomenos, e os astros; e para que possam pôr em scena esses actores tão diffices, recorrem a uma extraordinaria sciencia de prestigio e phantasmagoria, subsidiada com o proprio alento nos fogos artificiaes. Com taes meios não receiam appresentar a lúa como a principal actriz de uma pantomima, que intitulam *O combate da lúa contra os dragões*.

Magestosa se váe erguendo a lua no horizonte, e sobe lentamente até chegar ao meio da scena; grupos de estréllas lhe scintillam em torno, e, misturando-se umas com outras, ou já afastando-se, ou reunindo-se, formam variadissimos e luminosos desenhos no escuro azul do céu. Então pelos oppostos lados do theatro entram em scena dous actores trazendo cada um seu dragão de enorme grandeza, cujas escamas argentadas reluzem sobre a transparente sêda azul de que são formados. Os dragões serpeam assanhados, e em seus vãos parecem querer atacar a lua: as estréllas timoratas fascinam-se, param em suas evoluções e permanecem fixas: eutão a lua, com razão indignada, começa a crescer a crescer, e os dragões a tremer, até que por fim se incendeião no estupendo luzeiro, e desfazendo-se em mil raios de fogo de todas as côres vêm cahir extinctas sobre a scena. A lua torna pouco a pouco á sua primitiva grandeza, e se retira victoriosa para de traz das montanhas, sempre acompanhada do seu choro d'estrellas, que de novo a vão rodeando de seus graciosos e multiplicados festões.

Não nos demorarêmos em fazer commentarios acerca dessa pantomima tão singular, e tão differente das que se usam em a nossa Europa: antes relataremos outra, cujo titulo ainda é mais ambicioso, e parece haver produzido o maior enthusiasmo em Pekin e outras cidades do imperio da China: intitula-se — *O casamento da terra com o oceano.*

Em grande embarço nos veriamos se nos incumbisse indicar o logar da scena; podêmos todavia dizer a epocha em que se suppõe ter passado a acção; foi antes do diluvio, antes de Lamech e Mathusalem, ainda antes do peccado de Adão: *Deus fecit calum et terram intra sex dies.* A acção se passa em um dos seis dias que o Padre Eterno levou a crear o mundo.

Duas figuras allegóricas abrem a peça; a tempestade por parte do oceano, e o volcão por parte da terra. A tempestade, sob a forma de um monstro ceruleo, vêm acompanhada dos ventos, seus satellites; o volcão, monstro vermêlho, traz numeroso sequito de salamandras; a tempestade pertende apagar o fogo do volcão; o volcão quer fazer que os tnares séquem: os monstros enfurecem-se e vão já travar medonha, enorme peleja; mas o anjo da paz desce do ceu, e reconcilia os inimigos que se retiram cadaqual para o seu reino, e o anjo reinomia ás moradas celestes.

Eis-que o oceano, representado pela ballêa, chega acompanhado das suas riquezas e produções: delphins, leviatans, tartarugas, rochedos, esponjas, coraes, perolas — tal é a sua comitiva.

Não tarda em vir ao seu encontro a terra, representada por um monstruoso elephante, e tambem traz consigo leões, tigres, aguias, abestruzes, pinheiros, carvalhos, fructos, flores, marmores, e metaes.

As alimarias são representadas por actores cubertos de pelles de fêras, ou já de ricas pennas, se representam aves. Os papeis de tartarugas, arvores, rochedos, metaes &c.^a desempenhan-os actores metidos em certas caixas de pano pintado convenientemente, e que se movem á vontade do choreographo. O officio de fructos, flores, coraes &c.^a é confiado a mulheres e meninos, que vêm todos cubertos desses objectos e nunca deixam ver rosto, nem mãos, nem qualquer parte do corpo, a fim de que seja completa a illusão.

Estando assim a terra e o oceano em presença um do outro, comprehendem que a sua reciproca amizade deve resultar em beneficio de ambas as partes, e que, longe de se moverem guerra, devem firmar a sua aliança por meio de um laço indissolúvel: a terra offerece praias ao oceano; este promette fertilisal-a cortando-a de formosos rios, e, para provar a sua abundancia e poder, lança repentinamente pelas ventas dous jorros de agua, que se elevam a prodigiosa altura: os dous exercitos começam então de travar danças, e com mil evoluções e gregotins festejam o feliz consorcio dos seus soberanos.

Conclusão. — O anjo da paz desce do céu na sua nuvem, e annuncia aos dous esposos, que tendo a união da terra com a agoa formado o globo, Deus váe crear o homem para seu habitador: Nova explosão de folgares, danças, e saltos: o anjo permanece grave no meio da auroala de fogo que o rodêa; leões, leopardos, metaes, palmeiras, aves, esponjas, tudo fica tomado de admiração; e cáe o pano antes de ser creado Adão! — Os espectadores maravilhados gritam: = Hao! hao! — Excelente, delicioso!

AVIZO.

Não havendo a maior parte dos Senhores Assignantes do Porto satisfeito ainda o importe do primeiro trimestre das suas assignaturas, de novo se lhes roga queiram dirigir-se para esse effeito ao Sr. Manoel d'Almeida Cardozo, rua de Cedofeita. — Aos mesmos Senhores se participa, que do proximo Numero em diante, lhes será entregue o Jornal por distribuidores destinados para esse fim, evitando-c d'esse modo os descaminhos dos Correios &c.^a

Typ. de L. C. da Cuuna costa do Castello n.º 1